

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

## D. Henrique e a abertura da Fronteira Mundial

### */. O conceito de Fronteira e de Fronteira Mundial*

A historiografia norte-americana deve a Frederick Jackson Turner a libertação do domínio europeu. Em 1889, Turner afirmava que a história dos Estados Unidos estava sendo escrita do ponto de vista da costa atlântica e que a ocupação da bacia do Mississipi não encontrara, ainda, seu historiador. A história geral dos Estados Unidos, dizia, devia ser construída partindo-se do facto que o centro de gravidade da nação atravessava as montanhas nessa grande região (\*).

Quatro anos depois, na Associação dos historiadores Norte-Americanos, Turner lia seu ensaio *The significance of the frontier in American history* (2), que revolucionaria o escrito histórico norte-americano por muitas décadas. Sustentava ele que a história da colonização do Grande Ocidente (norte-americano) e que a existência de uma área de terra livre, seu contínuo recolhimento e o avanço da colonização para o ocidente explicavam o desenvolvimento norte-americano. Houvera um constante retorno às condições primitivas nas fronteiras em contínuo avanço. Este perene renascimento, esta fluidez da vida norte-americana, esta expansão ocidental, com suas novas oportunidades, este permanente contacto com a simplicidade da sociedade primitiva haviam forjado a força dominante do carácter americano. Consequentemente, o que é

1) *The Early Writings* of *Frederick Jackson Turner*, IMadison, 1938, pág. 22.

(2) iPrimeiro publicado in *Annual Report*, 1893, Washington, 1894, e depois in *The Frontier in American History*, New York, 1920, várias vezes reeditado.

caracteristicamente norte-americano deriva da fronteira, das condições da fronteira.

A concepção de Turner exerceu enorme influencia sobre a historiografia norte-americana e é o foco de vasta bibliografia de panegírico, de interpretação, de controvérsia e de análise. Também no Canadá, na Austrália, na África do Sul, a ideia de fronteira, influenciando decisivamente na vida, na cultura e na formação institucional, vem sendo estudada e analisada, numa aplicação do conceito de Turner às histórias nacionais. Haveria sempre, em cada uma dessas zonas, um pequeno Oriente e um grande Ocidente, que vai sendo reduzido aos poucos, num longo processo histórico. Assim, todos os estudiosos de países de fronteira devem considerar o princípio da fronteira.

iCoube ao Professor Walter Prescott Webb, decano da Universidade do Texas, ex-Presidente da Associação dos Historiadores Norte-Americanos e autor de numerosa e excelente obra sobre a história dos Estados Unidos, ampliar o conceito de fronteira e apresentar, em 1952, em seu livro *The Great Frontier* (3), um desenvolvimento universal da tese nacional de Turner. Depois de explicar que o conceito norte-americano de fronteira não é o limite que separa Estados soberanos, mas a área livre que pode ser ocupada; que o movimento de fronteira é a invasão de terras desocupadas, próximas ou contíguas às já ocupadas, num movimento de cidadãos ou civis; que este processo se iniciou em 1607, mas cresceu no século dezanove e findou por volta de 1890, quando deixaram de existir terras livres, Webb sustenta que a fronteira, que tanto influiu na história dos Estados Unidos, é o factor determinante da moderna civilização ocidental. Não foram os Estados Unidos a única nação que teve acesso às terras devolutas e o conceito de fronteira deve ser ampliado e aplicado universalmente, pois existiu também uma fronteira europeia.

A Europa tinha uma fronteira, no sentido turneriano, antes de se iniciar a colonização americana ; fronteira muito mais ampla que a dos Estados Unidos, que nela se incluía, e a maior que o mundo conheceu. Essa fronteira foi tão importante como condição determinante da vida e das instituições europeias quanto a fronteira norte-americana na elaboração da história dos Estados Unidos.

(3) (Boston, Houghton Mifflin iCo., 1952. 4(34 págs..

A historia europeia seria diferente sem essa fronteira aberta pelos pioneiros e o seu fechamento, modernamente, encerra um período histórico.

Para melhor formular sua hipótese, Webb adoptou duas unidades: a da Europa, ou Metrópole, e a da Fronteira, que se lhe opõe; uma, região civilizada, e a outra consistindo num processo em movimento para ocupar terras virgens, com todos os efeitos sobre os que se movimentavam e um efeito reflexo sobre as antigas regiões donde se originavam os conquistadores e colonos. A Metrópole, segundo Webb, compreendia todo o mundo conhecido, *excepto a Ásia*, que era vagamente conhecida e não faz parte da sua argumentação. A Grande Fronteira consistia, portanto, de três e meio continentes (4) e milhares de ilhas descobertas por Colombo e seus associados. Não há necessidade, diz ele, de mostrar as condições de vida em 1500, nem demonstrar que a sociedade é estática, dividida em classes bem definidas. Havia grandes pressões sobre os meios de subsistência, a alimentação era reduzida e não podia o povo libertar-se daquele mundo encerrado em si mesmo. De repente, veio o milagre, não o céu, que somente se alcançava pelos portais da morte e que oferecia esperança às massas da Metrópole, mas a mudança de tudo, com o emancipador trazendo ricas doações de terras e mais terras, de ouro e prata e novos alimentos. A Europa, a Metrópole abriu a porta da Grande Fronteira e dentro havia tesouros nunca sonhados, suficientes para enriquecê-la. O longo problema de um povo meio esfomeado havia sido resolvido, numa perspectiva muito além da compreensão humana.

Colombo, o navegador genovês a serviço da Espanha, é apontado como o símbolo, como a chave que abriu a porta de ouro do Novo Mundo. Nós sabemos, porém, que ele era apenas um dos vários exploradores portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses, escandinavos, homens todos da Metrópole e não de um país. Num curto período, Colombo e seus companheiros ergueram as cortinas da ignorância e revelaram à Metrópole três novos continentes, uma larga parte de um quarto, e milhares de ilhas dos oceanos. Trou-

f(4) *The Great Frontier*, pág. 9. No continente negro, só compreende a União Sul-Africana. Vide também do mesmo autor *The Western World Frontier*, pág. 103, separata de *The Frontier in Perspective*, editada por Walker D. Wyman e Clifton B. Kroeber, The University of Wisconsin Press, 1957.

xeram tudo isto — continentes, oceanos, ilhas e as depositaram, como um presente, aos pés da Metrópole empobrecida. O que trouxeram era a Grande Fronteira, um novo ingrediente na história. Era uma vasta propriedade que repentinamente era concedida à Metrópole e esta, como nova proprietária, devia decidir o que dela fazer.

Em primeiro lugar deve-se considerar que a Fronteira era cinco ou seis vezes maior que a Europa, e que piráticamente ninguém (!) nela vivia. Fora uns poucos habitantes primitivos, cujos direitos não foram e não necessitavam ser respeitados, era toda ela uma terra devoluta. Esta era boa para tudo e dela tudo se extraía: ouro e prata, peles e alimentos, na quantidade que se desejasse, bastando ter espírito de aventura e capacidade de trabalho. Pairando como um subproduto obtinha-se um extraordinário grau de liberdade. Mas imediatamente as divisões da Europa projectaram-se nas divisões da Fronteira e cada país tomou uma porção desta maior que ele próprio.

(Das guerras de eliminação que se sucederam entre 1689 e 1763 emergiram os três grandes Poderes Europeus—\* Inglaterra, França e Espanha—como os grandes proprietários do mundo da Fronteira. Seu sucesso foi mais aparente que real, pois em menos de cinquenta anos a Inglaterra tinha perdido seu principal troféu, enquanto a Espanha e a França perdiam praticamente tudo. Embora por volta de 18)20 a Metrópole houvesse perdido seus títulos à maioria das novas terras, não perdera os benefícios que a Fronteira exercera sobre os velhos países. A Europa continuava a participar da riqueza e da oportunidade que a abertura da porta dourada possibilitara. A dominante influência da fronteira sobre a Metrópole, na civilização ocidental, é de tal importância que exige um tratamento especial.

Sustenta ainda Webb a hipótese do rápido crescimento da história moderna, motivada pela descoberta e abertura da fronteira. Qual era o carácter essencial da fronteira? Ela era, inerentemente, um vasto corpo de riqueza sem proprietários. De repente, esta grande área tornou-se acessível ao povo constrangido e empobrecido da Metrópole. Um fluxo crescente e contínuo de riqueza precipitou na Metrópole um pleno desenvolvimento dos negócios como o mundo antes nunca conhecera e provavelmente nunca mais iria conhecer de novo. Esse desenvolvimento iniciou-se quando

Colombo voltou da sua primeira viagem, cresceu vagarosamente e continuou em passo acelerado até que a fronteira desapareceu por volta de 1890 ou 1900. Pode-se dizer, assim, que o pleno desenvolvimento durou cerca de quatro séculos. A interação entre a Metrópole e a Grande Fronteira é uma das mais importantes chaves para a compreensão da moderna civilização ocidental. Várias instituições económicas, políticas e sociais foram criadas para atender às condições de pleno desenvolvimento.

A ideia-mestra de Webb consiste em considerar a fronteira como o factor predominante, e em acentuar que, após as descobertas, outros factores importantes, como o crescimento da população, a acessibilidade de terras e o aumento do capital começaram a favorecer o pleno desenvolvimento. As consequências da fronteira sobre o credo do homem europeu, que ele vê através de seus olhos norte-americanos, constituem outra história e resumem ou desenvolvem as ideias de Turner. Mais importantes, mas sem interesse para esta comunicação, são as consequências da Grande Fronteira sobre a Metrópole, especialmente em matéria de aquisição de propriedades imóveis e do direito.

A tese de Webb tem merecido muita atenção na historiografia de língua inglesa. No Segundo Congresso Internacional de Historiadores dos Estados Unidos e do México, realizado em Austin, em Novembro de 1958, sob os auspícios da Universidade do Texas, dedicou-se toda uma sessão ao conceito da Grande Fronteira. Como um dos comentadores daquela sessão, tive oportunidade de observar que a hipótese de Webb era mais uma tentativa de definição de um período histórico. Para isso, ele se isolara de todas as explicações anteriores e não quisera, voluntária ou involuntariamente, conhecer as linhas tradicionais da bibliografia histórica europeia sobre a formação do mundo moderno. A literatura de que se serviu é mais norte-americana que anglo-americana; dos estudos sobre a formação do «capitalismo» como período histórico conhece especialmente os de Earl J. Hamilton. Parece também que o conceito «capitalismo», como período histórico, lhe repugna, pois não se vê conexão entre seu conceito e este, que tanto tem prevalecido na bibliografia histórica deste último sléculo. Pelo paroquialismo das ilustrações, ou pela insistência em universalizar factos peculiares ou específicos da fronteira dos Estados Unidos, a tese de Webb parece uma concepção

texana da história moderna mundial. Mas apesar de originar-se de uma observação factual da história norte-americana e de basear-se em informação bibliográfica restrita, não se isola, não se confina nos limites do quadro histórico norte-americano; ela se amplia e expande, até chegar à abstracção de uma teoria geral do período histórico de 1500 a 1900, constituindo-se num quadro geral da história do mundo moderno <sup>(5)</sup>.

Como disse o Professor W. K. Hancock, da Universidade 'Nacional da Austrália, e também participante daquele Congresso, Turner proclamou a significação da fronteira na história dos Estados Unidos; Webb proclamou sua significação na história mundial <sup>(6)</sup>.

Segundo Webb, o período histórico que se abre com as descobertas caracteriza-se por uma nova força, um novo ingrediente histórico, a Fronteira Mundial, que gera, por sua vez, a prosperidade da Metrópole. Se aceitarmos esta ideia, sem as limitações da Fronteira desfalçada da África Tropical e da Ásia, ou restrita às terras devolutas, mas preenchida dos países populosos do Oriente; se evitarmos o paroquialismo norte-americano, que lhe tira a universalidade; se não determinarmos que o *boom* se iniciou com Cristóvão Colombo, cuja viagem foi uma decepção do ponto de vista económico e da Metrópole; se evitarmos a explicação isolada da Fronteira, como factor único do processo evolutivo da história moderna, poderemos considerar a abertura da Grande Fronteira como um novo factor que se une aos factores já conhecidos, que deram nascimento ao mundo moderno: a Reforma, a descoberta da América, a descoberta da passagem para as Índias Orientais pelo Cabo da Boa Esperança, a revolução dos preços e o capitalismo.

Apesar das críticas sustentadas, especialmente sobre a divisão da Metrópole e da Fronteira, a verdade é que no século quinze há uma Fronteira Única e a Metrópole está representada pela Península Ibérica, na qual é Portugal o pioneiro, liderado por D. Henrique. Os portugueses, conduzidos por D. Henrique, são,

!<sup>(5)</sup> José (Honório Rodrigues, *Webb's Great Frontier and The Interpretation of Modern History*, comunicação apresentada ao UI Congresso Internacional de Historiadores dos (Estados Unidos e do México. Universidade de Texas, Austin, Novembro de 1958, mimeografado, '7 ipágs..

I<sup>(6)</sup> *The Moving Metropolis*, comunicação apresentada ao II Congresso Internacional de Historiadores dos Estados Unidos e do México. Universidade de Texas, Austin, Novembro de 1938, mimeografado, pág. 1.

como disse o Professor J. H. Ferry (7), os guias de toda a Europa, e a eles cabe abrir a fronteira dos mundos não europeus, e possibilitar o início do progresso europeu, que Adam Smith atribuiu a esta iniciativa.

Webb construiu sua tese na base de duas ideias capitais, a de Turner, de que o desenvolvimento norte-americano se deve à existência de um grande ocidente livre e desocupado (apesar dos índios), e a de Adam Smith, de que a descoberta da América e a da passagem para o Oriente pelo Cabo da Boa Esperança foram os dois maiores e mais importantes acontecimentos registados na história da humanidade (8). Daí lhe vem a «boom hypothesis», ou seja a do rápido crescimento da história mundial pela fronteira, não só americana, mas mundial, excluídas a Ásia e a África Tropical. Não creio que nela se inspirasse directamente, mas atento à observação de Earl J. Hamilton (9), que observara ser a afirmação de Smith um exagero, a menos que tivesse se referido aos efeitos destes dois acontecimentos sobre as origens do moderno capitalismo, um dos mais importantes desenvolvimentos históricos, e neste caso seria incontrovertível.

Bem disse, em uma de suas observações críticas o Professor Hancock, que não era possível querer dar uma significação mundial à Fronteira, excluindo a Ásia e a África Tropical (10). Porque reduzir essencialmente a fronteira mundial à fronteira americana é que Webb data de Colombo o início da expansão económica europeia. A parte dominante na promoção do grande «boom» foi a princípio portuguesa, com o Oriente, e mais tarde espanhola, com as minas de Potosi. Na verdade, a viagem de «Colombo foi uma decepção; ele não trazia senão uns pobres índios e nenhuma especiaria. Verdadeiro sucesso foi, na época, a viagem de Vasco da Gama: ele trazia aquelas especiarias que a Europa tanto desejava;

(7) *Europa y su expansión del mundo*, «Breviarios», Fondo de Cultura Económica, 1952, pág. 3'2.

(8) *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, 1.ª ed., 1776. Ed. de Londres, 1904, págs. 1^5-126.

(9) «El tesoro americano y el florecimiento del capitalismo (15W-1I7I0K>)\", in *El florecimiento del capitalismo y otros ensayos de historia económica*, Madrid, Revisita die Occidente, 1942, pág. 3. ¡Publicado originalmente na revista *Económica*, 1929, págs. 33'8-3'5'7.

(10) *The Movin: Metropolis*, traf. cit., pág. 7,



completara o cerco do mundo árabe, a comunidade mais ameaçadora para a Europa; permitira o comércio oriental, ampliando as possibilidades do progresso comercial; rompera definitivamente as fronteiras que limitavam a actividade humana e inaugurara a grande política mundial. A entrada do barco de Vasco da Gama no porto de Lisboa em Setembro de 1499, trazendo as especiarias das índias, a chegada ao estuário do Tejo, em Junho de 1501, de cargas importantes, o lançamento da âncora em Antuérpia, -em 24 de Agosto de 1501, do primeiro navio vindo de Lisboa carregado de pimenta e de canela, e a descarga, em Falmouth, no fim de 1503, de cinco barcos portugueses que traziam trezentas toneladas de especiarias de Galecut, marcaram a abertura de uma nova rota comercial entre os países do Ocidente e as regiões produtoras; uma rota marítima directa, sem baldeação, pelo Oceano, controlada pelos portugueses. Era o começo de uma nova era, com a fronteira em movimento alargando-se desde a tomada de Ceuta em 1415.

(Portanto, se se quer falar de fronteira mundial, não se pode esquecer a figura mais destacada das primeiras etapas da expansão ultramarina portuguesa, nem se pode dar a ela, como o fizeram muitos cronistas e historiadores, o segundo lugar depois de Colombo. Isso, disse G. Friederici, seria comparar termos desiguais. D. Henrique, não pertence à série de navegadores, como Colombo, Vespúcio, Caboto e outros, mas à classe dos grandes organizadores conscientes e dos enérgicos príncipes do Renascimento, de um Luís XI, de um Fernando, o *Católico* <sup>(1)</sup>). Foi sob sua direcção que se iniciou uma nova estratégia mundial, política, económica e militar, e da qual a exploração da costa ocidental africana e das ilhas atlânticas não foi senão o primeiro passo <sup>(2)</sup>).

## 2. D. Henrique e a Fronteira Mundial

Como acentuou Toynbee, Portugal e a Espanha representavam o limite da Cristandade Ocidental, frente à Sociedade Siríaca, em sua fase final, isto é, quando os árabes recriaram o Estado Uni-

<sup>(1)</sup> . *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer*; Stuttgart, 1913\*6, vol. 2, pág. 95.

<sup>(2)</sup> J. H. Perry, *ob. cit.* pág. 12.

versai Muçulmano, no sétimo século da era cristã. Há duas feições características desta fronteira. Em primeiro lugar, foi então que o Cristianismo Ocidental sofreu forte pressão de uma civilização alie-nígena; em segundo lugar, coube exactamente a Portugal, respon-dendo a esta pressão, representar um papel preponderante na expan-são da civilização ocidental <sup>(13)</sup>. Assim a Ibéria era o limite da civilização ocidental e o mundo afora a fronteira contra a qual avançaria Portugal, chefiado ,por D. Henrique.

O estímulo do embate provocou os avanços sobre a fronteira mundial. No encontro das duas civilizações, a síriaca (muçulmana, turca e árabe) e a ocidental, coube a Portugal flanquear, como Estado, pela primeira vez, e circundar o poder árabe, para abrir para o Ocidente a fronteira do mundo. Por isso reconhece Toynbee que «os pioneiros ibéricos [verdadeiramente portugueses] realiza-ram para a Cristandade Ocidental um serviço sem paralelo» <sup>(14)</sup>. Eles expandiram o horizonte e, consequentemente, o domínio da Sociedade Ocidental de um obscuro canto do Velho Mundo até abraçar todas as terras habitáveis e todos os mares navegáveis. Foi devido a esta energia e iniciativa ibéricas que a Cristandade Ocidental cresceu, como o grão da mostarda semeada, da pará-bola, até tornar-se a Grande Sociedade: uma árvore em cujos ramos todas as nações da Terra se aninharam.

O mundo ocidentalizado de hoje, diz Toynbee, é uma realização dos pioneiros ibéricos da Cristandade Ocidental; e a energia oci-dental que praticou este feito foi despertada, sustentada e levada a maior intensidade ,pelo desafio da pressão síriaca sobre o «front» ibérico. Os navegantes portugueses e espanhóis que se tomaram presentes por todo o Mundo no primeiro século de nossa idade moderna (c. A. D. 1475-1575) foram os herdeiros dos fronteiros cujos espíritos tinham sido fortalecidos por trinta gerações de lutas estrénuas contra os Mouros nos limites ibéricos <sup>(15)</sup>.

Destes limites voltaram antes os Francos para o coração da Gália, quando da conquista árabe; mais tarde, sob a liderança de Carlos Magno, eles fizeram sua ofensiva no lado ibérico dos Pirenéus, onde juntaram forças com os remanescentes dos Visigodos.

<sup>(13)</sup> Arnold Toynbee, *A study o/ history*, Oxford University Press, UI, 202.

<sup>(14)</sup> *Ibid.*, II, 204.

<sup>(15)</sup> *Ibid.*, II, 204.

na fortaleza «das Astúrias; assim, várias vezes era o limite do Ocidente que recuava diante da ofensiva muçulmana. Portugal e Castela foram, então, as fronteiras do mundo árabe. A reviravolta não é o fruto de Colombo, porque, já então, estava o Ocidente, deste lado, em ofensiva, avançando, atacando para abrir, para o Ocidente, as novas fronteiras do Mundo, as novas fronteiras da América, e as novas fronteiras dos novos caminhos que cercaram o mundo árabe, a comunidade mais ofensiva, para quebrar-lhe a força, e oferecer à Europa os recursos da África e do Oriente, que lhe dariam rápido e pleno crescimento.

A europeização do mundo é iniciativa portuguesa. Foi o crescente comando dos mares que permitiu o avanço, o movimento contínuo e crescente, o encontro e a vitória da civilização ocidental. Todo processo de crescimento da civilização ocidental, na fase moderna, deve-se especialmente a Portugal, e o herói que o lidera é D. Henrique. A conquista progressiva dos mares para fins práticos resulta na expansão geográfica; nem o mundo árabe, nem os mares constituem mais limites; são fronteiras que pedem exploração e conquista, avanço e integração. Cabe, então, a Portugal quebrar as muralhas, romper as defesas, forçar a entrada no mundo árabe, abrindo assim o mundo africano à Europa; explorar o oceano, vencer o mar, resolvendo os problemas da navegação, inventar o bateo «apropriado — um avanço tão rápido que durante três séculos pouco mais se criou neste género, para produzir todos os efeitos sociais da europeização do mundo. A ocidentalização é um movimento titânico, o mais importante fenómeno social dos tempos modernos, que só hoje vê seu fim próximo. Portugal, sob a direcção de D. Henrique, não só «transferiu o campo de acção e luta, como abriu o caminho para o esforço hercúleo do Ocidente, na elaboração de seu renascimento, e aboliu a soberania paróquia europeia.

Não é possível datar todo o progresso económico, que Smith e Keynes atribuíram a Portugal e à Espanha, da descoberta da América por Colombo ou simplesmente da existência para o europeu da fronteira americana, como o faz Webb, embora procurando dar a esta fronteira uma natureza mundial, pelo acréscimo das ilhas e da África do Sul. Nasce tudo com OD. Henrique, que inicia uma I-dade Heróica, e tenta estabelecer um Estado Universal, o primeiro desde o Império Romano. Uma civilização com possibili-

dades de avançar por mares nunca dantes navegados subjuga, aniquila, vence e amplia fronteiras. No estágio do crescimento ela abre uma soleira que lhe oferece fácil acesso. Não importa que se limite às costas, pois a superioridade agressiva — o canhão e o soldado de infantaria, usados pelos portugueses— tende a ser neutralizada pela desvantagem crescente da grande distância da base de operação do agressor. D. Henrique irradia o poder europeu a extremidades desconhecidas. O império Romano se estendia do Mar Nórdico ao Negro; os portugueses e logo depois os europeus em geral têm diante de si uma fronteira que se estende do Atlântico ao Indico. As Cruzadas foram um longo período de educação, um prelúdio necessário à Idade Heroica de conquista marítima e de abertura de uma imensa fronteira de expansão e exploração, que D. Henrique inaugurou em 1420 e desabrocharia em sua totalidade por volta do século dezanove.

A emergência do moderno se deve a Portugal, conduzido por D. Henrique, que amplia o horizonte físico e mental da Europa. O encontro entre a Cristandade Ocidental e o Oriente foi promovido por um dos mais jovens e audaciosos filhos da civilização ocidental. Turcos e árabes bloqueavam todas as linhas terrestres de acesso às fronteiras da África e da Ásia. Foi este bloqueio que provocou a resposta ocidental, dada por Portugal, cercando, com a navegação de Vasco da Gama, continuação da obra de D. Henrique, o mundo islâmico.

Os navegantes portugueses descobriram a Madeira em 1420 e os Açores em 1432, desembarcaram em Calecut, em 1498, comandaram os estreitos de Malaca em 1511, e atingiram, em 1516, Cantão, e em 1542-45 as costas do Japão. Num século o empreendimento português não só estorvava a expansão islâmica para o Ocidente, como retirava do mundo árabe o domínio do Mar Indico. Como disse Toynbee, o bloqueio da Cristandade Ocidental pelo mundo árabe tinha sido não só flanqueado por terra, como invertido num bloqueio do mundo arábico pelo cristão, pelo comando do mar pelos portugueses. Por terra e pelo oceano ubíquo abriam os portugueses a mais vasta fronteira que a Cristandade Ocidental conhecera e pela qual se iniciaria a europeização ou ocidentalização do mundo e o conseqüente «boom» ou o rápido crescimento económico europeu.

Uma vasta fronteira para uma Metrópole única que se movia, dividida, e dividida impunha domínios seccionais da fronteira única.

Não importa que mais tarde perdessem os portugueses para seus rivais ocidentais, holandeses, ingleses e franceses, seu começo de império na África e no Oriente. São eles os abridores da fronteira; são eles os iniciadores do rápido progresso económico europeu. Já em 1578, quando D. Sebastião tentara completar a conquista de Marrocos, pagara sua agressão não só com a vida, mas com a própria independência de seu país, por sessenta anos. Os portugueses constituíram-se na primeira onda de invasores ocidentais, provocando, é verdade, a estagnação comercial do Mediterrâneo durante trezentos anos, depois da conquista do Oceano até a construção do canal de Suez, em 1869, mas promovendo, com suas funções móveis, flexíveis e dispersas por toda a fronteira mundial, o crescimento económico da Europa.

A fronteira não é, assim, uma terra desocupada, vazia ou devoluta; é também uma terra ocupada e populosa, que o mundo ocidental em marcha explora e contra a qual investe para fins de expansão económica. Nenhum investigador das actividades metropolitanas, como navegação, comércio e investimento, escreveu Hancock nas suas críticas a Webb <sup>(16)</sup>, deixaria de incluir na fronteira os países populosos, nem omitiria, no seu exame sobre os efeitos da fronteira no crescimento acelerado dos povos europeus, países como a Índia ou a África Ocidental. Vêm a propósito as palavras do soldado de Diogo do Couto: «Dizei-me, senhores, há hoje no mundo terra mais fronteira, e em que seja necessário andarem as armas mais na mão que a Índia ?» <sup>(17)</sup> Ele «invernara vários invernos em fortalezas fronteiras», impondo o caminho da procissão ocidentalizadora, portuguesa e europeia. Já então se percebia a diferença de uma e outra fronteira, índica ou africana, esta mais parecida com a América, habitada por primitivos, ou vazia (*empty*), na caracterização de Tumer ou Webb.

Logo após a volta de Pedro Álvares Cabral, quando D. Manuel tomou o novo título de Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, teve conselho se seria proveitosa a ele uma conquista tão remota e de tantos perigos. Mas as pessoas notáveis que aprovaram este descobrimento de terras

<sup>(16)</sup> *The Moving Metropolis*, mimeografado, ipág. 7.

<sup>(17)</sup> *O Soldado Prático*, ed. 'de Rodrigues Lapa, Livraria Sá da Costa, Lisboa, .1937, pág. 144.

populosas sabiam a diferença entre «descobrir terra não sabida, parecendo-lhe ser habitada de gentio tão pacífico e obediente como era o de Guiné e de toda a Etiópia, com que tínhamos cornunicação, que sem armas ou outro algum apercebimento de guerra por comutação de cousas de jquoco valor havíamos muito ouro, especiaria, e outras de tanto preço, e outra cousa era consultar se seria conveniente e proveitoso a este reino, por razão do comércio das cousas da índia, empreender querê-las haver por força de armas» (18).

Mas tamanho foi o ganho das mercadorias e tão grandes os proveitos no retorno (5, 10, 30 e até 50%), que o bem do proveito prevaleceu no Conselho. «Finalmente», acrescenta João de Barros, «el-rei se determinou, que pois Nosso Senhor lhe abra este caminho nunca descoberto, no qual seus antecessores tanto trabalharam, por continuação de setenta e tantes anos, ele o havia de prosseguir, e mais vendo ser já maior o fruto dele, naquela primeira ida de Pedro Alvares, do que eram os trabalhos passados e temores do que estava por vir. Quanto mais que as grandes cousas (e principalmente esta de que toda a Europa se espantou), não se podiam conseguir senão por muitos e mui vários casos e perigos, dos quais exemplos o mundo estava cheio, por ser cousa mui racional que os grandes edificios, para serem perpétuos e firmes, sobre profundos alicerces de trabalho se fundam» (19).

A descoberta do caminho marítimo para a Índia Oriental rematou dignamente o século em que se desvendou um novo mundo, se inventou a imprensa e ressurgiram a literatura e a arte antigas. Portugal, primeiro que qualquer outra nação, enfrentou o problema de que séculos tinham enfileirado os dados; quase cem anos consome em resolvê-lo; resolve-o. O momento de glória e triunfo que o transfigura se inicia e é presidido no esforço de 14/20 a 1460, pelo Infante D. Henrique. Seu pensamento era romper a dependência económica em que se aohava a Cristandade do Egipto. A senda aberta por D. Henrique guiou os reis que sucederam, apesar das seduções por outras vias e do sucesso de Colombo. Duas vastas fronteiras se abriram à exploração europeia, mas a Índia foi

(18) João do Barros, *Décadas*, ed. de António Baião, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 11945, vol. I, >188.

(19) *Ibid.*, ipág. 192.

o objectivo inicial desejado e procurado e a América o casual e inesperado. Índia não designava, como hoje, a vasta península asiática, banhada pelo Oceano Indico, inserida entre o Indo, o Himalaia e o Ganges. Designava então mais terras, todas que se contavam de Madagáscar e Sofala a Oeste, até terminar no mundo de águas que Magalhães chamou Pacífico. Era essa fronteira aberta que a Europa desejava, para animar o comércio, estagnado pela submissão aos muçulmanos. A existência de um continente novo, e a não identidade entre o Oceano Atlântico e o mar que banhava a China e a Índia ao oriente só se tornou clara em 1513', quando Vasco Nunes Balboa descobriu o Pacífico. Por tudo isso, o 20 de Maio de 1496, quando Vasco da Gama chegou a Calecut, representa uma das maiores datas da história humana, pelas consequências que trouxe — o aniquilamento económico do muçulmano, o domínio da navegação, o deslocamento da história das margens do Mediterrâneo.

Em Setembro de 1499 Gama chegara a Belém, realizando o objectivo tão longamente desejado e tão seguidamente preparado. O sucesso foi extraordinário, pela chegada dos artigos que, estes sim, -eram verdadeiramente índicos, e não como os que Colombo e seus companheiros traziam e que nada tinham de comum com aqueles; e ainda pelos preços fabulosamente baratos por que chegavam a Portugal, comparados com as exorbitâncias que reclamavam egípcios e venezianos. Se Vasco da Gama gastou dois anos e dois meses, Cabral fez sua viagem em pouco mais de dezasseis meses, e os lucros da carga, a mais rica que jamais subira o Tejo, foram enormes. Agora, escreve Oscar Peschel, são os portugueses os senhores incontestes do Oceano Índico. Dominaram os maiores portos com fortalezas que tinham erigido; o comércio árabe estava aniquilado; o comércio Índico-arábico movia-se passando pelos seus canhões. Nem um barco se podia ver naquelas águas sem passaporte português, senão seria tratado como pirata. As cidades que os árabes plantaram na Costa de Moçambique tornaram-se suas tributárias, suas esquadras inquietavam os Golfos de Aden e Persa e abocavam o mar Vermelho. Os mercadores europeus, agora, só podiam comprar as especiarias em Lisboa. Este senhorio marítimo podia afirmar-se sem grande esforço, pois desde o aniquilamento da esquadra egípcia não havia mais frota asiática de guerra deste lado do Cabo Comorim, e devia transcorrer um

século antes das potências marítimas europeias inquietarem os portugueses naquelas águas remotas. Possuíam ainda os marinheiros mais ousados do mundo, e a nação respirava o fogo de uma era de heróis, pois os anais de suas conquistas índicas eram aviventados por feitos grandiosos e proezas descomunais <sup>(20)</sup>. Em 1528 D. Jorge de Meneses descobria Nova Guiné, o ponto extremo das navegações portuguesas, que nunca chegaram até à Austrália Continental.

Toda essa atividade imensa, multiforme, heroica, abria para a Europa, a Metrópole, as fronteiras do mundo. Cabe a iniciativa a um filho de Rei que o acaso do nascimento privou do trono, e que estendera sua vista para o mar. Estabelecera-se num recanto em que a Europa termina, convocara mestres, reunira discípulos e, olhando o Oceano infundo, viu os domínios que ninguém lhe disputara e atirou seus soldados à conquista. Era D. Henrique, o quinto filho de D. João I, o vencedor de Aljubarrota. Não lhe foi concedida bastante vida para assistir ao triunfo de seu plano de alcançar a Índia pela África. Foi D. João II, em 1481, que lhe encarnou o espírito e realizou o sonho de fazer de Portugal o senhor das terras e dos mares nunca dantes navegados.

Desde a vitória de Gama, em 20 de Maio de 1498, sucedem-se esquadras para a manutenção e consolidação das fronteiras abertas. Mas se Colombo e Magalhães abrem novos caminhos para o mundo, fora das linhas portuguesas, não foi só na Índia que os portugueses entalharam seu nome. Na América do Norte descobriram o Labrador e parte da Terra Nova; na América do Sul revelaram desde o Amazonas até a Patagónia, na África desde o cabo do Bojador ao das Agulhas, e desde o Cabo das Agulhas até Massauá; na Ásia Oriental, desde Ormuz até o Ceilão, nos mares austrais desceram até à solitária ilha de Tristão da Cunha; para o leste alcançaram a Nova Guiné, e seus habitantes negros e lanudos; pax a o norte, estenderam-se até o Japão, no Oceano Pacífico. Uma fronteira imensa, que faria progredir aceleradamente a Europa e iniciaria a europeização ou ocidentalização do mundo oriental ou novo, novo ou africano.

<sup>(20)</sup> O. Peschel, *Geschichte der Zeitalters der Entdeckungen*, Leipzig, 1930.



### 3. D. Henrique e o presente

Se *para* explicar o começo e o fim de um período histórico recorreu o historiador norte-americano ao conceito da Grande Fronteira, factor do impulso de prosperidade acelerada da Europa, não o poderia limitar à descoberta do Novo Mundo por Colombo, nem excluir a Ásia e grande parte da África. Deveria remontar às origens do movimento, a D. Henrique, e incluir todo o mundo. Walter Prescott Webb iquer reduzir o nascimento de um período histórico ao factor exclusivo da existência de uma Fronteira Mundial, esquecendo o momento em que o horizonte do mundo ocidental é ampliado e o homem triunfa sobre o Oceano, conquistando-o, não so por um caminho — o de Colombo, mas por outro igualmente novo e que foi o passo primeiro para transitar pelo Atlântico, encontrar uma passagem entre Cila e Caribdes e, com audácia, desafiar todos os vetos antigos, para unir, relacionar e afiliar povos e países separados, por mares desconhecidos, dando voltas de rumos que pareciam rodear o mundo sabido, para entrar no caminho certo, desejado pelo europeu para sua libertação e progresso económico.

Portanto, se a abertura da Fronteira Mundial infida ou caracteriza novo período histórico, é D. Henrique seu verdadeiro pioneiro, pelas manobras geo-políticas que imaginou, com audácia fria e quente esperança. O feito português de aprender a navegar o Oceano, escreve Toynbee, não foi somente um acontecimento decisivo no encontro entre o Ocidente e o Mundo Islâmico: foi uma peripécia na história humana, porque fez o Homem mestre de um meio de comunicação suficientemente capaz, pela sua ubiquidade, de unir toda a superfície habitada do planeta num lar para uma sociedade ecuménica que abraça toda a Humanidade <sup>(21)</sup>.

.Lembra Toynbee que a unificação social do mundo promovida pela invenção portuguesa de um navio oceânico encontrou neste século novos instrumentos no avião e na transmissão pelo rádio; mas apesar do lugar de honra que a conquista do éter e do ar ocupam na lista das invenções científicas, é evidente que não se comparam, do ponto de vista social, à conquista do Oceano. Como meio para o fim social de unir toda a Humanidade em uma única

(21) *A Study of History*, VIII, <1954, pág. 471.

sociedade, a navegação aérea e a comunicação sem fio serviram apenas para apertar mais a rede mundial que a conquista do Oceano pelo Homem, já há muito espalhara pelo Globo. O passo decisivo na unificação do mundo foi a invenção de um tipo de barco de navegação oceânica (a caravela) e D. Henrique e seus companheiros não somente não necessitaram de sucessores, como não tiveram predecessores; pois a permanente unificação da superfície total do globo, fruto do seu trabalho, foi um feito social cujas consequências, em sua própria esfera, diferiam a tal ponto dos efeitos da irregular intercomunicação entre as civilizações do mundo antigo resultantes, nas épocas primitivas, das realizações dos pioneiros Minoanos na navegação dos mares internos e dos pioneiros nómadas na domesticação dos cavalos, que constituíram, virtualmente, uma diferença de espécie <sup>(22)</sup>.

A similaridade do mundo, maior que sua desigualdade, que inspira a unidade do processo histórico e não destrói, necessariamente, a diversidade das formas históricas e -a variedade do desenvolvimento social e económico, em razão das condições específicas dos povos de países diferentes, data mais dos caminhos iniciados por D. Henrique que de qualquer outra invenção.

Vencer o Oceano, dominá-lo e navegá-lo, foi obra inicial de D. Henrique. Com ela se iniciava um novo período histórico, cujo fim vemos hoje, quando se comemora o quinto centenário de sua morte. A mudança da preponderância europeia, a corrida pela conquista dos espaços planetários, o lançamento do *Sputnik*, em Outubro de 1957, os jactos supersónicos, os mísseis balísticos, os satélites artificiais, os foguetes espaciais, a energia atómica, as inovações electrónicas, a automação, os calculadores, a revolução anti-colonial, a independência ázio-africana revelam que estamos, cinco séculos depois da morte de D. Henrique, diante de uma gigantesca mudança: as pesquisas no espaço substituem as explorações oceânicas, exigindo a mesma audácia, a mesma imaginação, a mesma heroicidade e grandeza.

As fronteiras não são mais terrestres, são planetárias. A fantasia do heroísmo revive o período henriquino, com a mesma loucura, o mesmo desafio, a mesma vivência, a mesma alucinação, a mesma insegurança, o mesmo prodígio, a mesma procissão de milagres.

(22) *A Study of History*, VIUI, pág. 470, n. 4.

A grande tarefa da história, como acentuava recentemente Theodor Schieder, 'é «dar o salto de um passado nacional para um futuro planetário e atingir a consciência do carácter multidimensional da história» (23).

Lisboa, 1960.

JOSÉ HONORIO RODRIGUES

(23) «Riennooveau ide la conscience historique», in *Documents. Revue Mensuelle des Questions Allemandes*, 191519, vol. 14, n. 3, págs. 294-301, e n. 4, p. 405-414.